

## Entre casas e estradas: ecos de uma Amazônia urbana no circo de rua

*Between houses and roads: echoes of an urban Amazonia in street circus*

**Juliana Oliveira Silva**

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/4581>

DOI: 10.4000/pontourbe.4581

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Referência eletrónica

Juliana Oliveira Silva, « Entre casas e estradas: ecos de uma Amazônia urbana no circo de rua », *Ponto Urbe* [Online], 23 | 2018, posto online no dia 17 dezembro 2018, consultado o 14 junho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/4581> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.4581>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 14 junho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# Entre casas e estradas: ecos de uma Amazônia urbana no circo de rua

*Between houses and roads: echoes of an urban Amazonia in street circus*

Juliana Oliveira Silva

---

## NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 22/07/2018

Aceitação / Accepted 18/11/2018

## Introdução

- 1 Era março de 2017 quando cheguei a Alter do Chão (PA) pela primeira vez. Fazia dias estava trancada num apartamento em Santarém (PA), esperando as chuvas amenizarem. A angústia tomava conta de mim. Saí do Sudeste direto para o Norte a fim de fazer pesquisa de campo, mas o clima parecia não estar a meu favor. Nesses dias, as poucas tréguas que a chuva me dava eram aproveitadas com caminhadas pelos semáforos de Santarém. Eu estava à procura, até aquele momento em vão, de malabaristas.
- 2 Pouco mais de uma semana sem conseguir sair de Santarém, decidi que fizesse chuva ou sol iria a Alter do Chão. A inércia me incomodava com a angústia da espera. Mas esperar pelo quê, se parecia não haver malabaristas nos semáforos de Santarém? Por qual motivo, se porventura morassem ali, as/os malabaristas decidiriam ir para as ruas se chovia tanto? A angústia era tamanha, mas mesmo assim fiz o que planejava: ir a Alter do Chão pela primeira vez à procura de circenses que, ouvira dizer, circulavam por ali.
- 3 Este artigo é fruto de incursões em campo vivenciadas de março a agosto de 2017, em Alter do Chão, distrito de Santarém, localizado na região oeste do estado do Pará.

Conhecido também como “Caribe Brasileiro” ou “Caribe da Amazônia”, títulos midiáticos que não fazem jus à história local. A convivência com onze malabaristas nessa região me proporcionou refletir sobre questões variadas que perpassam corporalidades, moralidades, circulação e fixação, casas e estradas, e os sentidos que o dinheiro adquire no universo circense de rua (Cf. Silva 2018). No entanto, existe um percurso anterior a ser esclarecido, traçado desde 2013 em São Luís do Maranhão, que me impulsionou a circular com malabaristas por cidades amazônicas.

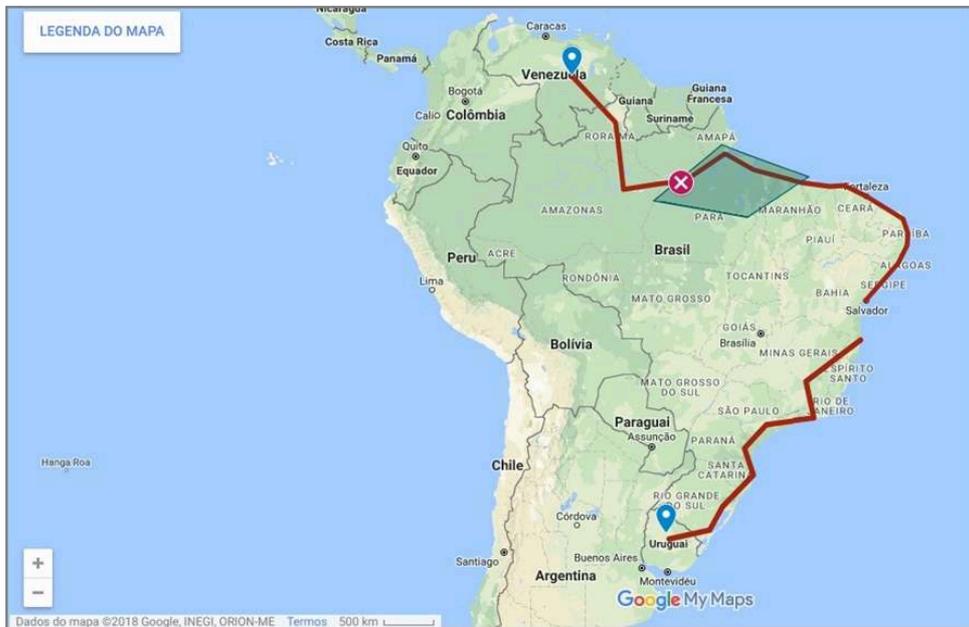
- 4 Meu objetivo aqui é, através desse material etnográfico, discutir uma das facetas da Amazônia (a urbana), em diálogo com as lógicas de movimento e repouso das/dos malabaristas residentes no contexto sazonal de Alter do Chão. Ao longo da narrativa, contextualizo brevemente Alter do Chão em termos geográficos, históricos e sazonais. Na primeira seção, descrevo o processo de mapeamento de um circuito de cidades visitadas por viajantes malabaristas que me levou do Maranhão ao Pará; na segunda, discuto o motivo da vila, diferente de São Luís, ter se tornado um lugar não só para visitar, mas para morar, enfatizando as construções imagéticas operadas em torno da região; e, por fim, na terceira seção analiso as dinâmicas de circulação e fixação em consonância com as lógicas de *alta* e *baixa temporada*, norteadas pelo nível das águas do rio Tapajós.

## Do Maranhão ao Pará

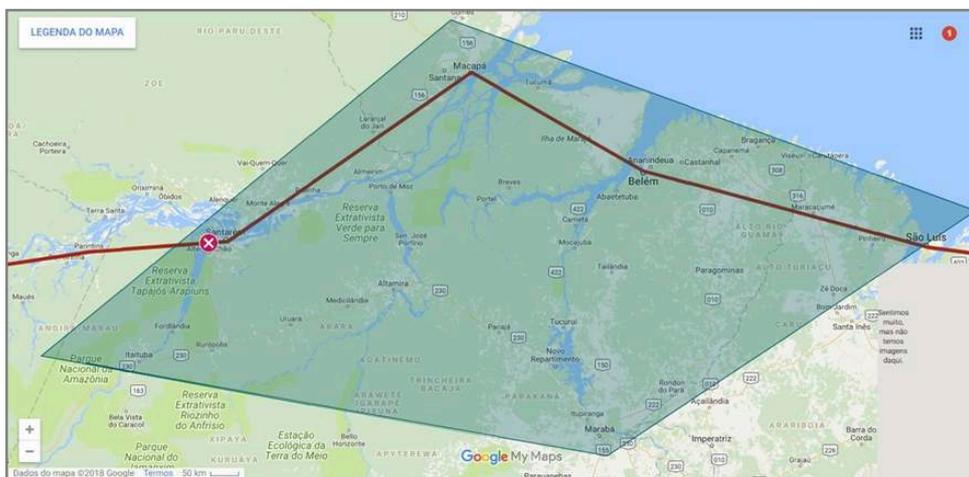
- 5 O olhar antropológico para as cidades pode revelar as múltiplas formas de criatividade operadas por diversos personagens que, cotidianamente, fazem “arranjos” e combinações para viver ou sobreviver nesses espaços (Magnani 2000). A rua é alvo de demandas diversas, podendo ser utilizada com fins políticos, religiosos, comerciais, como local de trabalho, ou ainda, de moradia (Cf. Albuquerque, Nakashima 2011; Silva 2000; Barroso 2008; Cordeiro 2018). Diariamente, em São Luís do Maranhão, os transeuntes se deparam com pessoas em locais públicos, pedindo ou oferecendo serviços. As calçadas, esquinas e praças da capital maranhense são utilizadas de modos díspares, inclusive, como habitação (Cordeiro 2015). Dentre essas pessoas, que se apropriam criativamente de locais públicos, estão as/os malabaristas de rua.
- 6 De casa para a universidade, eu as observava repetidamente nos mesmos semáforos. Cenas que, muitas vezes, me distraíam nos engarrafamentos. Passei a nutrir uma curiosidade pessoal em torno daquelas pessoas: não sabia se faziam aquilo por amor à arte, se eram ex-artistas de circos de lona etc. Muitas suposições vinham à mente. A partir das leituras antropológicas em torno de temáticas urbanas, decidi fazer pesquisa de campo junto a pessoas nos semáforos de São Luís (MA). Essa jornada etnográfica durou, de modo intermitente, de 2013 a 2015.
- 7 Até abordá-las pela primeira vez num dos semáforos no centro de São Luís, não fazia ideia de que eram viajantes de passagem pela ilha. Foi assim que comecei a refletir sistematicamente sobre a vida de pessoas que se apropriam das ruas (praças, calçadas e, principalmente, dos semáforos) para fazer circo. Na condição de estudante de graduação, não podia *pegar estrada* com elas, acompanhava-as inicialmente nos semáforos até ser convidada para visitá-las em suas casas. Devo ressaltar que *casa*, neste artigo, engloba diversas formas de acomodação: albergues, hotéis e, até então, locação de imóveis. Nosso convívio era sempre interrompido pela circulação. Desse modo, em

São Luís, conheci e convivi com dezenas de malabaristas que viviam viajando e estavam de passagem pela ilha.

- 8 O material etnográfico escrito a partir dessa vivência sintetiza, dentre vários aspectos, as conversas entre elas/es que sempre giravam em torno da circulação: qual cidade visitar, como se manter e como sair dela (Silva 2015). Percebi então menções frequentes a determinados locais, que me levaram a esboçar um circuito de cidades visitadas por malabaristas. Foi através desse circuito que, em 2017, cheguei ao estado do Pará.
- 9 Sua condição de viajantes nos lugares visitados correspondia a uma posição, que chamo aqui, de entrelugar: nem turistas, nem moradores. A proposta das/dos viajantes era justamente conhecer recantos ausentes nos guias turísticos e estabelecer relações relativamente próximas com os moradores. A partir dessa condição, teciam relações ambíguas com os locais visitados. Na medida em que criticavam o “caráter blasé” atribuído aos cidadãos (Simmel 2005), tinham consciência de que a cidade é o espaço que viabiliza a emergência e a manutenção do estilo de vida viajante. As/os malabaristas viam-se então diante do que Park (1979) chamou de “paradoxo cidadão”: embora as relações nas cidades, na concepção dessas/es viajantes, possam ser instáveis e superficiais, as possibilidades de contato entre as pessoas são múltiplas. E é a partir dessas condições que extraem subsídios à circulação.
- 10 Nessa relação paradoxal com os locais visitados, as/os viajantes forjavam uma espécie de filtro para selecionar os “bons lugares” para conhecer. Se o caráter blasé, na concepção dessas pessoas, é frequentemente associado às grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo, e nas cidades interioranas nem sempre existem semáforos, optavam então por cidades consideradas medianas, como São Luís, levando em conta também o custo de vida e a rentabilidade das ruas e dos semáforos.
- 11 A preferência por cidades medianas e/ou próximas a paisagens naturais, como as praias, compõe o “circuito” de lugares mais visitados pelas/os viajantes malabaristas que conheci durante essa pesquisa de campo inicial (mapa 1 abaixo).<sup>1</sup> Os “trajetos” percorridos por viajantes malabaristas, em geral, são resultados de escolhas e partilhas de informações entre essas pessoas e, conseqüentemente, configuram rotas de entrada e circulação pelo Brasil. Verifiquei duas possibilidades de entrada no país (marcadores azuis): (i) saindo da Venezuela, entrando por Boa Vista (RR); (ii) saindo do Uruguai, entrando por Pelotas (RS). As linhas vermelhas indicam as direções dessas duas rotas de entrada que culminam no litoral brasileiro e formam um círculo.



Mapa 1. Rotas de entrada para o Brasil, mapeadas entre 2013 e 2015.



Mapa 2. Circuito alternativo de cidades visitadas por malabaristas; trecho percorrido na pesquisa de campo realizada em 2017.

- 12 Nota-se que o circuito inicial se torna mais afunilado no litoral. Inicialmente, os estados Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia são conhecidos de modo geral; posteriormente, percebi uma constância em algumas cidades litorâneas, como Porto Seguro (BA), Ilhéus (BA), Salvador (BA), Aracaju (SE), Maceió (AL), Recife (PE) e João Pessoa (PB). Nos estados do Rio Grande do Norte e Ceará, os lugares sempre mencionados eram Pipa (RN), Jericoacoara e Canoa Quebrada (CE).
- 13 Atentar às direções das linhas é imprescindível, pois, estão ligadas às partilhas de informações sobre os lugares visitados entre viajantes. Essas rotas não são planejadas apenas individualmente. Ao contrário, quem está vindo por cima passa a quem está vindo por baixo informações e estratégias de viagens sobre os lugares conhecidos. Por isso, mesmo que algumas pessoas viajem sozinhas, partilham conhecimentos sobre diversos lugares, um deles é Alter do Chão – sinalizado com um X nos mapas acima.

- 14 A pesquisa de campo que enseja este artigo foi realizada em algumas cidades da área destacada pelo polígono verde no mapa 2, com o ponto de partida em Santarém, Alter do Chão. Por razões éticas, não explicitarei os nomes das cidades do circuito alternativo (parcialmente compreendido pelo polígono), pois não há consenso entre as/os malabaristas quanto à divulgação desse circuito. Aos propósitos desta discussão, basta saber que são cidades próximas a garimpo nos estados do Pará e do Amapá, onde a concentração de dinheiro e a escassez de atrações culturais potencializam as ruas, os semáforos e as praças enquanto lugares para fazer dinheiro com circo.
- 15 Situada na margem direita do rio Tapajós, Alter do Chão liga-se a Santarém através da rodovia Everaldo Martins (PA-457), cuja extensão é de aproximadamente 38 km, e a duração do trajeto de ônibus é de quarenta minutos a uma hora. Esperava chegar ali e me deparar não apenas com as imagens de praia, disponíveis no *Google*, mas também com inúmeros viajantes malabaristas que estariam de passagem para conhecer o lugar. No entanto, o que encontrei em Alter foi bem mais que isso.

## Alter do Chão: um lugar para morar

- 16 Embora seja atualmente conhecida por suas inúmeras praias, principalmente desde 2009 quando foi eleita pelo jornal britânico *The Guardian* como “uma das praias mais bonitas do Brasil”,<sup>2</sup> a história de Alter do Chão remonta a tempos anteriores à colonização. Nos registros virtuais encontrados conta-se que Alter do Chão foi fundada no século XV. Tornada vila, recebeu este nome, em 1758, dado por um governador da capitania Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Ao longo dos séculos seguintes, a vila – habitada até hoje por indígenas da etnia Borari –, foi alvo de inúmeras missões religiosas. No século XX, tornou-se uma das rotas de transporte do látex, extraído de seringueiras em municípios próximos. Em 06 de março de 2018, Alter do Chão completou 260 anos.
- 17 Ao longo dos últimos anos, a vila vem crescendo de modo acelerado. Pessoas de diversos lugares, dentro e fora do Brasil, escolheram residir na vila. Diante disso, várias ações foram implementadas para desenvolver o turismo local, harmonizar o crescimento populacional e suas consequências socioambientais. Sabe-se que o governo federal ambiciona construir usinas hidrelétricas na Amazônia, algumas previstas para o rio Tapajós, como a São Luiz e Jatobá. Recentemente, Alter do Chão foi alvo de uma “proposta de lei complementar” na Câmara Legislativa de Santarém com o propósito de construir prédios na vila. Tal medida choca-se com a Constituição, com os direitos de povos e comunidades tradicionais, e com a PL 007/2012. Após discussões e mobilizações locais, no final de 2017, a Câmara Municipal de Santarém vetou o projeto.<sup>3</sup> Esse cenário de embates e debates em torno da Amazônia, das ameaças e iniciativas de preservação, perpassa o cotidiano das pessoas que residem em Alter do Chão, inclusive, das/dos malabaristas.
- 18 Quando cheguei a Alter do Chão, conforme mencionei, esperava encontrar vários viajantes malabaristas de passagem. Ao longo do período de campo encontrei, mas o que saltava aos olhos naquele contexto era o fato de o circo de rua estar se tornando, além de ferramenta de circulação, um modo de fixação. As/os malabaristas residentes em Alter do Chão alugam imóveis e, majoritariamente, estão envolvidas/os em compras de terrenos e construções de casas.<sup>4</sup> Isso me apareceu como uma variável nova diante dos dados que coletara no Maranhão. O tempo de vivência dessas/es malabaristas na

vila varia de oito meses a oito anos, mas a maioria chegou ali entre 2014 e 2015. Isso é interessante se pensarmos por que afinal de contas, diferente de São Luís, Alter do Chão tornou-se um lugar não só para passar e conhecer, mas para morar?

*Mora atualmente em Alter?* Tô morando aqui há dois anos já.

*Por que veio morar aqui?* Na verdade, eu não tinha escolhido “vou morar em Alter do Chão”. Estava viajando, na estrada, e ouvia falar muito daqui, muito bem. E eu estava meio que procurando um lugar para dar um tempo, um lugar tranquilo e que desse para relaxar, um lugar com mais natureza, perto de um rio, um lugar tranquilo. Aí cheguei aqui e gostei, fui ficando (Conversa com Roberto em Alter do Chão, 27/07/17 – grifos meus).

Foi uma coincidência. Estava viajando, tinha um amigo que morava em Alter do Chão. Vim visitar ele, comecei a me relacionar com o espaço de uma forma que não me relacionei com muitos espaços, e isso acabou por fazer com que minha vida desse um giro nesse sentido. Aí passado um tempo, não foi na hora porque eu ainda estava viajando e eu queria conhecer alguns outros lugares, mas depois acabou por culminar em Alter do Chão (Conversa com Íris em Alter do Chão, 01/06/17 – grifos meus).

Agora moro aqui em Alter do Chão, um paraíso.

*Por que decidiram vir morar aqui?* Porque, na verdade, eu creio que é um ambiente muito tranquilo. Antes de tudo, não é como as cidades grandes, que tem muita maldade, muita babilônia, muito problema. Mas fico aqui porque eu também queria, com a minha mulher, ter um lugar mais tranquilo, onde escutasse os passarinhos cantando pela manhã. Então é por isso que decidimos ficar aqui em Alter, é um povo tranquilo e bonito também (Conversa com Lucas em Alter do Chão, 05/06/17 – grifos meus).

Quando eu estava grávida, tem dois meses que [o bebê] nasceu, uma amiga me falou de um lugar muito especial, que se chamava Alter do Chão. Um povoado muito belo. Nós tínhamos esse povoado na cabeça todo o tempo que eu estava grávida. Decidimos vir aqui ter o filho (Conversa com Pita em Alter do Chão, 05/06/17 – grifos meus).

- 19 Os trechos de conversa acima iluminam dois aspectos centrais e imbricados quando pensamos em Alter do Chão enquanto um lugar para morar. O primeiro deles diz respeito ao fato da vila pertencer ao circuito de cidades de viajantes (mapa 1), não apenas malabaristas. O segundo, por sua vez, é relativo às imagens projetadas em torno da Amazônia.
- 20 Todas/os malabaristas atualmente residentes em Alter do Chão não foram parar ali por acaso. Estavam viajando, *pegando estrada*,<sup>5</sup> seja de carona ou não e, na relação com outras/os viajantes, ouviram falar da vila – não por acaso, o trocadilho “ecos” no título deste artigo. Mencionei na seção anterior a existência e o mapeamento que fiz de um circuito de cidades visitadas por viajantes. Tal existência só é possível porque informações são intercambiadas e os lugares ecoam, gerando uma constância no que diz respeito às rotas e formas, aos meios de deslocamento, aos locais para se acomodar e, sem dúvidas, para trabalhar.
- 21 Desde 2013, quando comecei a conviver com malabaristas em São Luís, um dos fatores que saltou aos meus olhos foi a experiência de circulação como um dos temas centrais e onipresentes nas conversas entre viajantes. Raramente falavam de suas trajetórias anteriores à circulação (quem eram, o que faziam ou sobre sua família de origem). Ao contrário, discutiam incansavelmente a atividade circense e seus deslocamentos.<sup>6</sup>
- 22 Partilhavam ensinamentos sobre vários *truques* e *brinquedos*.<sup>7</sup> Treinavam juntos e, nessas ocasiões, aproveitavam para se aprimorarem conjuntamente, pontuando posturas e dicas que facilitaríamos *jogar* determinado objeto. Já discuti noutras ocasiões

que, no circo de rua, ensinar e treinar fazem parte do mesmo processo: na medida em que *passo um truque a alguém com o meu próprio corpo*, estou também me aperfeiçoando como malabarista. Treinar e ensinar são constantes nesse universo (Silva 2017; 2018:34).

- 23 Semelhantemente, as/os viajantes conversavam a maior parte do tempo sobre os lugares para conhecer, inclusive, os meios mais rápidos e menos custosos para chegar lá, e as formas de garantir sua permanência no local. Certa vez numa conversa percebi que Rubén e Dilla ambicionavam sair de São Luís, passando por Belém (PA), rumo à Guiana Francesa. Quino, que entrara no Brasil pelo estado de Roraima, alertava-os sobre a necessidade de passaporte para que entrassem naquele país. Ele tranquilizava o argentino, Rubén, pois havia um acordo entre os países (Argentina e Guiana Francesa); e alertava Dilla, cuja situação seria mais complicada por ser brasileira.
- 24 Rubén retribuiu a informação oferecida por Quino, explicando-lhe estratégias de circulação com bicicleta. Rubén e Dilla já viajavam de bicicleta. Quino começaria a se locomover assim a partir de São Luís, onde ele havia adquirido esse meio de transporte. Rubén dizia a Quino o quanto viajar de trem fazendo a rota Maranhão-Pará pela Estrada de Ferro Carajás facilitava o transporte com bicicleta.<sup>8</sup> Agradecido pela informação, Quino continuou compartilhando informações com Dilla e Rubén, relacionadas à região Norte do Brasil – lugares por onde Quino havia passado –, como a duração e o custo financeiro da viagem de barco no trecho Santarém-Macapá (AP).
- 25 A precisão nos detalhes é uma característica das conversas sobre estratégias de circulação entre viajantes. Englobam rotas, preços, meios de transporte, táticas de prevenção e os locais. Os locais não dizem respeito somente ao que poderíamos chamar de macro (países, regiões e cidades), envolvem também o micro, quero dizer, formas de habitação diversas (hotéis, albergues, redários) e semáforos. Essa rede entre viajantes constrói uma constância que toma a forma de um circuito: vai das cidades aos semáforos, passando pelos lugares de residência. É por isso que, em cidades com a presença de viajantes malabaristas, é possível percebermos certa constância dessas pessoas em lugares específicos, conforme Carmen explicou sobre sua chegada em Fortaleza (CE):
- E como foi que vocês chegaram lá nesse local? Antes de ir para um lugar vocês procuram alguém de lá ou só chegam?  
Carmen: Normalmente, na estrada tem gente descendo e gente subindo. Você vai conhecendo gente que já passou pelo lugar para onde você está indo, e te passa informação, você também passa informação de onde você foi. E esse local eu já tinha ouvido falar quando eu estava na Bahia, eu fui para o Permangola. Saí pela Bahia a pedalar, voltei para participar do Permangolinha, e estava lá um casal que morava nesse espaço em Fortaleza. Já tinham me falado, sabiam que eu estava indo nessa direção, que tinha esse espaço. E também quando a gente chegou perto de Fortaleza (CE), a gente tinha um monte de lugar para ficar, que já tinham nos falado de outro sítio, daí tinha outra menina que tinha outro espaço. Aí a gente vai chegando (Conversa com Roman e Carmen em São Luís, 27/01/14 – grifos meus).
- 26 Alter do Chão entra nessa gama de lugares possíveis para conhecer, delineando uma constância no que diz respeito aos redários, albergues, bairros e locais na vila que as/os malabaristas mais transitam, ou ainda, os semáforos em Santarém que são utilizados para trabalhar.<sup>9</sup> Não raro, por exemplo, encontramos viajantes nos redários Guariba, Iguas e Jambu, alugando imóveis no Savana (espécie de sítio que possui várias casas) ou no bairro Jacundá. Quando se trata de Santarém, três semáforos em cruzamentos distintos eram muito utilizados por malabaristas. O primeiro é o das Avenidas Rui

Barbosa com a Cuiabá, próximo ao Banco do Brasil; o segundo localiza-se no encontro das Avenidas Barão do Rio Branco com a Borges Leal, onde há uma barraca de frutas; e, por fim, a terceira área situa-se entre as Avenidas Moaçara e Sérgio Henn, perto do Hospital Regional de Santarém.

- 27 Então, quando as/os viajantes malabaristas referem-se a Alter do Chão, indicam também os redários, as possíveis locações e os semáforos para trabalhar. As narrativas de Roberto, Íris, Lucas e Pita, expostas nesta seção, indicam que nenhum delas/es chegou em Alter do Chão por casualidade. Elas/es foram para a vila porque alguém, em suas jornadas de viagem, recomendou, seja para conhecer ou até mesmo para o nascimento de bebês. E é aqui que o fato de Alter do Chão pertencer ao circuito de cidades visitadas por viajantes se entrelaça com o segundo aspecto: a imagem construída em torno do lugar.
- 28 Comecei esta seção mencionando a multiplicidade de embates que giram em torno dessa região amazônica. A construção de hidrelétricas no rio Tapajós impactarão diretamente a vida de povos indígenas e comunidades tradicionais, ribeirinhas, pescadores da região etc. No entanto, as/os malabaristas, mesmo conscientes dessa “luta” pela terra e pela manutenção dos modos de vida tradicionais,<sup>10</sup> pauta latente no cotidiano da vila, quando questionadas/os sobre os motivos de terem resolvido morar ali tecem uma narrativa que pode soar idílica. Nas falas aparece a ideia de estarem viajando e terem ouvido falar de um *lugar tranquilo*, um *paraíso*, um *povoado especial* próximo à natureza.
- 29 Tal concepção, todavia, não pode ser lida de modo precipitado como uma espécie de desconhecimento ou insensibilidade por parte das/dos malabaristas acerca do contexto de lutas e embates em prol da Amazônia. A proposta aqui é refletirmos acerca da imagem construída em torno de Alter do Chão e da Amazônia, em consonância com as experiências e construções das/dos malabaristas sobre ambientes urbanos. O *lugar tranquilo*, com “mais natureza”, adquire sentido quando visto sob o prisma da *cidade babilônica*. Ao lidarem cotidianamente com as ruas, as/os malabaristas veem a cidade sob uma ótica particular. A vivência das ruas produz proximidades e afastamentos, possibilidades de criação, liberdade e, simultaneamente, vulnerabilidade, rotulando-as como pessoas “da rua” (Silva 2017:43). Para compreendermos então o motivo de Alter do Chão ter se tornado um lugar para morar, é necessário evitarmos leituras prévias em torno da noção de um *lugar tranquilo*.
- 30 O ato de fazer da rua um palco circense produz nas/nos malabaristas sentimentos ambíguos em relação aos lugares públicos, principalmente, os semáforos. Este sentimento se projeta até mesmo nas concepções fluidas acerca da atividade circense. Quando feita dentro e fora dos semáforos, tais sentidos oscilam entre arte, trabalho, vadiagem e estilo de vida. Estar na rua é lidar com as reações múltiplas dos transeuntes que vão dos assédios aos elogios, das críticas aos incentivos.



Imagem . Maria jogando claves numa cidade do circuito alternativo, interior do Pará. Abril, 2017.  
Fotografia: Juliana Oliveira Silva.

- 31 Desde 2013, venho observando que um sentimento de *insatisfação* é o que motiva essas pessoas a abandonarem compromissos de trabalho formal e residência fixa para viajar. Nas estradas, aprendem a fazer circo e outras atividades. As/os viajantes malabaristas buscam aprender o máximo possível de atividades, com o objetivo não somente de fazer dinheiro, mas de evitarem a dependência de uma só atividade, a ponto de tornar-se monótona. Malabarear, neste contexto, aparece como uma das opções de conhecimento disponível entre viajantes que partilham técnicas entre si. Para elas/es, fazer circo nas ruas é um trabalho marginal que, na medida em que serve de substrato ao modo de vida viajante, é também uma forma de propagar arte e se posicionar no mundo. O sentimento de insatisfação faz parte de uma postura crítica dessas pessoas em relação ao *sistema*.<sup>11</sup> Suas vivências cotidianas nos semáforos contribuem ao reforço dessa crítica, com ênfase nos cidadãos.
- 32 A proposta do “viver de outra forma”, pregada por malabaristas, encontra seu alvo de críticas privilegiado nos espaços urbanos, pois, incorpora o cenário de pessoas indo e vindo diariamente da casa para o trabalho, dentro dos automóveis, cansadas e estressadas com suas rotinas. A ideia da *cidade babilônica*, fortemente aclamada por malabaristas, engloba o “caráter blasé” simmeliano, ou seja, as pessoas estão na *correria*, expostas a excessos de estímulos, e acabam desenvolvendo uma postura indiferente para conseguir seguir em frente. Em contrapartida, o *lugar tranquilo*, próximo à natureza, representa um escape a essa forma de vida babilônica.
- 33 Muitas/os malabaristas então parecem descrentes quanto às possibilidades do “viver bem” nas grandes cidades. Não é à toa que o circuito (mapa 1) é forjado a partir das possibilidades de trabalhar com circo e da presença das paisagens naturais – no caso do litoral, as praias. A preferência por cidades de médio porte já aponta para um paradoxo no qual essas pessoas se veem submersas: não querem viver na cidade, mas vivem de uma atividade que emerge e se sustenta em locais urbanos. Ao mesmo tempo, não querem abrir mão do circo de rua enquanto uma ferramenta dentro desse estilo de vida alternativo.
- 34 Nesse sentido, Alter do Chão aparece como uma espécie de solução ao paradoxo, pois, nela é possível viver *no mato* e trabalhar na cidade. Santarém e Alter do Chão são próximas geograficamente mas em outros aspectos, distantes. Expressam de modo

singular a copresença da natureza-cidade, pois, é possível viver rodeada/o por igarapés, árvores, rios, praias e, após minutos, estar numa cidade com prédios, estabelecimentos, portos, aeroporto e semáforos.

- 35 As representações em torno da “natureza” são múltiplas: vão da hostilidade à figura da mãe, da condição dominada às suas reações catastróficas. No entanto, ainda há certa carência de estudos sobre natureza urbanizada (Bonnin; Clavel 2010). No caso da Amazônia brasileira, uma das facetas é a urbana, ressaltada aqui. A presença da natureza em cidades amazônicas, sua importância e as formas de urbanização ocorrem de várias maneiras, seja por redução, autoadaptação ou tornando-se cada vez mais rara. No caso de Alter do Chão, a natureza é a principal razão da atração de viajantes (malabaristas ou não) para a localidade e, mais que isso, do seu desejo de permanência.
- 36 Falar em prol da Amazônia, no cotidiano da vila, parece estar em voga sob formas diversas: o argumento do “planeta em perigo”, o anseio de plantar colado à ideia de “viver bem”, a valorização dos terrenos, ou ainda, o mercado verde. O que se observa nestes casos é uma visão da natureza não mais como um local isolado, onde é possível viver fora do capitalismo, e sim como encarnação do desejo e do projeto de como viver em meio a sociedades industrializadas. Diferente do ideal hippie dos anos 1960-70, estamos diante de uma substituição de valores que compõem uma espécie de crítica da vida cotidiana (Manceron; Roué 2013; Pruvost 2013).
- 37 Alter do Chão aparece então como uma resposta ao paradoxo vivenciado por malabaristas. Desacreditadas das possibilidades de viver bem na cidade, essas pessoas viajam fazendo circo nas ruas, alternando-se em pequenas, médias e grandes localidades. Dentro dessa movimentação, a vila aparece como um dos lugares “tranquilos”, onde é possível utilizar o circo de rua, seja nas praças e bares em Alter do Chão, ou ainda, nos semáforos em Santarém, sem necessariamente morar na cidade. Diante dessa possível solução ao paradoxo, as/os malabaristas, atraídos pela ideia de *morar no mato*, ou ainda, *morar na Amazônia*,<sup>12</sup> encontram na vila um lugar para morar. Todavia, isso requer outros traquejos.

## Circular para fixar e fixar para circular

- 38 Na circulação ao longo das estradas, as/os malabaristas adquirem saberes e conhecimentos diversos, constroem relações de afastamento e proximidade, famílias consanguíneas ou de consideração. Com a circulação, entram em cena múltiplas atividades e estratégias de vida que visam dar *autonomia* e *liberdade* em relação ao uso do dinheiro e aos semáforos, como ocupar prédios ociosos, reciclar alimentos que seriam jogados fora em feiras e supermercados, ou ainda, o uso do circo em troca de comida e moradia (Silva 2018). No entanto, Alter do Chão, escolhido como lar, impõe a negociação entre circulação e repouso, ou ainda, a questão de como se fixar, fazer família e casa, a partir de uma atividade itinerante, aprendida e vivenciada nas estradas.
- 39 O histórico de Alter do Chão, os debates e lutas em prol da Amazônia, e as relações travadas com artistas e coletivos circenses, esclarecem um dos principais motivos pelos quais a vila, dentre tantas outras localidades do circuito de cidades visitadas por malabaristas, foi escolhida como um lugar para morar. Um entrelugar onde é possível, ao mesmo tempo, habitar na Amazônia sem perder a possibilidade de *fazer dinheiro* nos

semáforos de Santarém. No entanto, residir nessa região implica lidar com a dinâmica econômica local, isto é, com a alternância sazonal entre *alta* e *baixa temporada*.

- 40 Alter do Chão localiza-se na margem direita do rio Tapajós, que nasce no Mato Grosso (MT), banha parte do estado do Pará e deságua no rio Amazonas em frente à cidade de Santarém, o chamado “encontro das águas”. A dinâmica de suas águas influencia diretamente o cenário e a vida local, de modo que é inviável falar das vidas dos residentes sem pensá-las em consonância com as variações fluviais. As paisagens da vila mudam consideravelmente no inverno (*baixa temporada*) e no verão (*alta temporada*). A estação *seca* vai aproximadamente de agosto a fevereiro, quando o nível das águas abaixa e surgem bancos de areia, logo, as praias de água doce. Ao contrário, a *cheia* começa aproximadamente em março e se estende até julho, quando as chuvas fazem o nível do rio subir vários metros, ocultando as praias. Dessa maneira, a movimentação das pessoas e o calendário dos eventos e festividades da vila são alterados.



Imagem . Primeira visita a Alter do Chão, março 2017. Embarcações estacionadas e uma das principais praias de Alter do Chão, chamada “Ilha do Amor”, submersa. À vista somente o cume das barracas com teto circular de palha. Fotografia: Juliana Oliveira Silva.



Imagem . No mesmo dia, trecho vazio na orla da vila. Fotografia: Juliana Oliveira Silva.

- 41 O nível das águas fluviais influencia não apenas Alter do Chão, mas diversas cidades amazônicas. O caso de Tapauá, município situado no médio rio Purus (AM), mostra que a lógica de inverno-verão ou cheia-seca pode ser vista de modo mais sofisticado: inserindo nesse calendário hídrico, os momentos de vazante e enchente. Os “varzeiros”, habitantes locais, combinam atividades de plantio, pesca e extrativismo ao longo do ano. Rodeada de Terras indígenas e Unidades de conservação, Tapauá não pode crescer senão em direção às águas fluviais. As pessoas deslocam-se então em suas casas “flutuantes” em direção à cidade para acessar serviços públicos, configurando alterações para além do deslocamento geográfico, que delineiam um modo de vida circulante em função da sazonalidade amazônica (Souza; Cañete 2016).
- 42 Em março de 2017, quando cheguei a Santarém, chovia praticamente todos os dias. Demorei quase dez dias para conseguir ir à vila pela primeira vez. De imediato, a impressão que tive ao chegar, expressa nas fotos acima, contrastava fortemente com as imagens de Alter do Chão disponíveis na *internet*. A orla da vila estava vazia. Os barcos e lanchas de passeio, estacionados. Havia pouquíssimas pessoas na praça Sete de Setembro, localizada em frente à orla. Bares fechados, poucos estabelecimentos abertos. O clima era cinza e pelas ruas circulavam apenas moradoras/es locais. Ao perguntar por malabaristas, as pessoas diziam-me “tinha muitos, mas viajaram por causa da *baixa temporada*”. Devido a isso, tive dificuldade em conhecer Amália, a primeira malabarista que conheci na vila, apresentada por um amigo em comum. Foi ela quem me apresentou outras/os malabaristas residentes em Alter do Chão.
- 43 Durante o inverno, ouvi inúmeros comentários das/dos moradoras/es da vila sobre como seria “quando a *alta temporada*” chegasse. Falavam das programações do Espaço Alter do Chão, uma das casas de festas do local, onde ao som do carimbó e de outros ritmos, turistas, viajantes e alguns moradoras/es encontram-se para se divertir. Custei a crer nesses comentários, parecia-me quase impossível que dentro de meses a paisagem alagada cederia lugar a praias. Na “cheia”, nosso lazer era basicamente visitar igarapés ou tomar banho de rio no final da tarde para assistir ao pôr-do-sol. Para a minha surpresa, a partir do mês de julho, a cada ida que fazia à praça do Cat, onde há um *deck* de madeira, percebia o surgimento de uma porção de areia, onde poderíamos nos sentar. Era o período de vazante do rio.
- 44 Em meados de julho, já existiam praias em Alter do Chão e tornou-se visível o aumento do número de pessoas não residentes circulando pela vila. Com isso, bares, restaurantes e cafés passaram a ficar constantemente abertos. Proliferavam-se barracas vendendo tacacá e outros alimentos da culinária regional. O Espaço Alter do Chão reabriu, promovendo festas de ritmos variados. O sol e o calor potencializaram-se, fazendo com que os lazers se tornassem ininterruptas idas à praia, onde se encontravam agora redes armadas e inúmeras pessoas bebendo e comendo.
- 45 Na *alta temporada*, o clima da vila é de férias, embora a maioria dos moradores nascidos ali aproveite esse período para trabalhar e, assim, construir sua reserva financeira para viver durante a baixa temporada. Confesso que não sei ao certo o que foi mais difícil: encontrar malabaristas nos semáforos durante o período chuvoso ou em meio ao frenesi do verão. Considerando que uma das principais atividades econômicas da vila é o turismo, apesar de alguns passeios serem feitos durante a *cheia*, quando desaparecem as praias diminui visivelmente o número de turistas. Lógica inversa ao que ocorre na sazonalidade esquimó, pois, o período do inverno esquimó equivale ao verão em Alter do Chão, momento de efervescência. A laicização do verão esquimó contrasta com uma

atmosfera religiosa durante o inverno, caracterizado por transmissão de mitos, festas e vigilância às interdições rituais. Essa oposição verão-inverno influencia também a atribuição de nomes coletivos, penetrando as classificações de pessoas e coisas, os tipos de direito e os formatos familiares (Mauss 2003:470).

- 46 No caso das/dos malabaristas residentes em Alter do Chão, se é difícil trabalhar com chuva nos semáforos e praças de Santarém e não há público nas praças da vila, o que elas/es fazem? A sazonalidade de Alter do Chão incide nas jornadas de todos os moradores da vila, inclusive malabaristas, que se encontram em meio a dificuldades para “trabalhar com arte e circo” durante a época das chuvas. Para lidar com isso, acionam um circuito adicional de cidades para onde fazem *viagens de trabalho*.
- 47 As viagens de trabalho diferem das *viagens de lazer* por causa do tempo e dos objetivos. Se nas viagens de lazer, não há calendário pré-estabelecido e os objetivos são basicamente *fazer dinheiro* para se alimentar e se hospedar a fim de conhecer o lugar, nas viagens de trabalho, o tempo é calculado previamente. Tem data para ir e para voltar, e o objetivo é definido: *fazer dinheiro*. Dessa forma, poderíamos dizer que o mapa 1 da seção inicial corresponde às viagens de lazer, enquanto o mapa 2 engloba também cidades alvo das viagens de trabalho.
- 48 O dinheiro feito nessas *viagens de trabalho* serve, em geral, à manutenção dessas pessoas em Alter do Chão, a ponto de que não seja necessário dependerem unicamente dos semáforos de Santarém para viver. Nos casos de construção de casas ou pagamento de terrenos, um *dinheiro extra* é feito para se manterem alguns dias em Santarém após retornarem da viagem. Isso porque, para as/os malabaristas, Santarém não está na lista das “melhores cidades para *fazer dinheiro*” com circo nos semáforos. Ela aparece como uma opção no circuito de cidades visitadas por malabaristas mais por causa do trajeto de viagem – de barco ou via Estrada de Ferro Carajás –, e menos pelo potencial financeiro dos seus semáforos.
- 49 Diante do cenário economicamente instável de Alter do Chão, da dificuldade em fazer dinheiro nos semáforos de Santarém e da reconfiguração de demandas econômicas por parte das/dos malabaristas, um circuito alternativo está sendo desenhado (mapa 2). Alternativo em relação ao circuito mapeado durante a pesquisa em São Luís (mapa 1) e em termos de objetivo definido, o *fazer dinheiro*. Só conheci esse circuito quando me deparei com malabaristas que estão buscando se fixar em determinado local. Em São Luís, as/os malabaristas que conheci estavam fazendo *viagens de lazer*.
- 50 A frequência das viagens às cidades do circuito alternativo varia conforme as necessidades circunstanciais de cada malabarista: uns para fazer dinheiro e construir casas; outros para fazer o dinheiro necessário ao pagamento de terrenos, ou ainda, aqueles que fazem dinheiro para manutenção familiar. Em Alter do Chão, conheci um casal que possui três filhos crianças e se alternam entre Santarém e outras cidades para fazer o dinheiro necessário à renda familiar. Para que um viaje, é necessário deixar alguma reserva financeira em casa, já que aquela/e que fica dificilmente irá trabalhar em Santarém por causa dos cuidados com a casa e com as crianças. A maioria das/dos malabaristas que estão construindo casas ou pagando terrenos não possui filhas/os, nem famílias consanguíneas formadas com outras/os malabaristas.
- 51 Nos casos de malabaristas que têm filhas/os ainda pequenas/os, a probabilidade de visitarem cidades mais distantes, pertencentes ao circuito alternativo, é menor, já que essas viagens demandam mais tempo. Algumas dessas cidades não possuem semáforos

para trabalhar, mas nem por isso deixam de ser rentáveis ao circo de rua. Nelas, é possível apresentar-se nas praças e calçadas, logo, é crucial que a/o malabarista seja desinibida/o a ponto de construir um público e manter sua atenção, pois, a lógica difere em apresentação nos semáforos ou praças.<sup>13</sup>

- 52 Em meio a essa movimentação, seja por circuitos de viagem usuais ou alternativos, as/os malabaristas atualmente residentes em Alter do Chão encontram na vila um local propício à fixação. E, a partir disso, passam a investir no circo de rua com vistas a comprarem terrenos e material para construir suas casas, não necessariamente com o objetivo de interromper a circulação. A fixação aqui aparece como um momento dentro do movimento: fixar para circular, ter um local para guardar coisas e poder receber pessoas que estão passando pela vila. Dito de outro modo, repousar para mover-se. A circulação então pode ser vista como uma chave à compreensão de outras nuances que mesclam afeto e dinheiro no circo de rua. É através do movimento de pessoas e coisas que existe, por um lado, a formação de laços familiares de sangue ou consideração entre pessoas que se identificam e, por outro, emergem diversas atividades mobilizadas contextualmente.

## Algumas considerações

- 53 Pessoas que não necessariamente são oriundas de famílias que vivem no campo passam cada vez mais a trabalhar e a viver a partir de alternativas ecológicas enquanto uma postura adotada voluntariamente. Trata-se de comportamentos motivados por um ideal distinto daquele prevalecente nos anos 1970, pois, é viver em grupo, mas em casas individuais: pessoas com ou sem filhas/os, com experiências profissionais, buscam adquirir terrenos e construir casas.
- 54 Incorporar um estilo de vida que poderia ser considerado ecológico caracteriza-se, grosso modo, pela adoção de dietas alimentares, formas de habitação parcial ou totalmente ecoconstruídas, defesa de circuitos autônomos/locais de distribuição, e práticas alternativas de educação e saúde (Pruvost 2013). Sob essa perspectiva, o circo de rua poderia ser visto como uma “alternativa ecológica urbana”, na medida em que se torna ferramenta de manutenção de um modo de vida que se equilibra entre a cidade e o *mato*.
- 55 A circulação, enquanto valor central para as/os viajantes, tão defendida pelas/os malabaristas que conheci em São Luís, no contexto de Alter do Chão adquire outras nuances: aclamado entre essas pessoas como um lugar para conhecer e viver. O circuito de cidades visitadas por viajantes (mapa 1) desdobra-se e torna-se então um circuito derivado (mapa 2), cidades alternativas que são buscadas com vistas ao fazer dinheiro para garantir a fixação em Alter do Chão.
- 56 De início, fui a Santarém à procura de malabaristas que estariam por ali de passagem, o que certamente encontramos quando visitamos a localidade durante a *alta temporada*. No entanto, o fato de eu ter chegado à vila na *baixa temporada* me levou a conhecer malabaristas que interromperam a circulação para se fixar em Alter do Chão através do circo de rua e, por vezes, de atividades paralelas, como a inserção no cenário musical do carimbó. Mas o que particulariza Alter do Chão em relação a São Luís? O que faz de São Luís um local de passagem e, simultaneamente, de Alter do Chão um local para morar? No momento, parece-me que há uma ideia específica de Amazônia que circula entre

essas pessoas, ligada à natureza como sinônimo de tranquilidade, oposta à concepção de cidade babilônica.

- 57 Nos últimos anos, a Amazônia assumiu um significado geopolítico em nível global em termos da implementação de uma nova política de desenvolvimento. Ao lado das organizações sociais e dos projetos alternativos em prol de unidades de conservação federais e estaduais e da demarcação de terras indígenas, a construção de estradas e redes de telecomunicações, a industrialização sob a forma da exploração mineral e da Zona Franca de Manaus foram algumas mudanças que impactaram a Amazônia ao longo dos últimos anos (Becker 1974; 2005:72). Verifica-se não apenas o surgimento e o crescimento das cidades, o aumento no número de pessoas que por razões diversas passam a viver em cidades amazônicas, mas a veiculação de valores de urbanização.
- 58 Falta ainda uma conscientização da sociedade brasileira, de modo geral, acerca da Amazônia enquanto um lugar tradicionalmente habitado, abrigando uma diversidade de formas de existir, humanas e não humanas, que dão o seu formato. Quero dizer, a importância das populações amazônicas para a preservação da floresta, e a importância desse bioma para o mundo inteiro. Se essa consciência existisse de modo mais consolidado entre nós, propostas políticas impactantes e destrutivas à Amazônia não seriam elegíveis com facilidade. A complexidade das cidades amazônicas está diretamente ligada às diferentes configurações e processos, formas de uso e significações, que afetam a floresta amazônica e, por sua vez, refletem-se nessas cidades (Cf. Trindade Jr. 2013; Fleury 2000).
- 59 Propus-me aqui a pensar uma das facetas possíveis da Amazônia, a urbana, a fim de analisar como essas cidades amazônicas norteiam modos de vida diversos, neste caso, refletir sobre os ecos de uma Amazônia urbana sobre a vida das/dos circenses residentes em Alter do Chão.
- 60 No caso de Alter do Chão, cuja dinâmica funciona de acordo com as alterações fluviais do rio Tapajós, utilizar uma atividade aprendida e vivenciada nas estradas para fazer casas (leia fixar-se) é desafiador. As estações de alta e baixa temporada, vazante e enchente, na vila refletem-se no aumento ou diminuição do volume de pessoas, logo, nas atividades turísticas, impactando diretamente a vida das/dos residentes que extraem desse tipo de atividade subsídios à sua vivência. Isso torna imprescindível falar da vida das pessoas em função do rio.
- 61 No caso das/dos malabaristas verifiquei que, diante da sazonalidade de Alter do Chão, acionam três alternativas principais: (i) utilizam tanto os semáforos e a orla de Santarém, quanto as praças da vila para fazer dinheiro; (ii) lançam mão de atividades paralelas ao circo, como a música e o artesanato; (iii) viajam para outras cidades a fim de fazer o dinheiro necessário ao cumprimento de *metas* (pagamento de terrenos e mão-de-obra ou compra de materiais para a construção de casas) ou a sua manutenção na vila (casos de pessoas que alugam imóveis).
- 62 Do Maranhão ao Pará, a circulação aparece como um elemento latente na vida dessas pessoas, seja circular para circular, ou ainda, circular para fixar, e vice-versa. A construção de casas, o aluguel de imóveis e a compra de terrenos, neste contexto, são expressos na retroalimentação circulação-fixação, pois, as casas são pensadas como possibilidade de abrigar objetos e pessoas (viajantes, parentes consanguíneos, construir famílias). As pessoas viajam para obter meios à sua fixação, e se fixam para continuar viajando. As *viagens de lazer* cedem espaço às *viagens de trabalho* em função de arranjos e demandas diversificadas de pessoas e grupos, famílias consanguíneas e de consideração.

Entre casas e estradas, a sazonalidade de Alter do Chão, sob a forma da alta e baixa temporada, ecoa na vida das/dos circenses que fazem ‘malabarismos’ diversos para equilibrar circulação-fixação, mato-cidade.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Marcos Alexandre dos Santos; NAKASHIMA, Edson Yukio. 2011. “A cultura da visibilidade: os Pankararu na cidade de São Paulo”. *Estudos Históricos*, vol. 24, n.47: 182-201.
- BECKER, Bertha K. 1974. “A Amazônia na estrutura espacial do Brasil”. *Revista brasileira de geografia*, 36(2): 3-36.
- \_\_\_\_\_. 2005. “Geopolítica da Amazônia”. *Estudos avançados*. 19 (53): 71-86.
- BONNIN, Philippe; CLAVEL, Maïté. 2010. “Introduction. Quand la nature s’urbanise”. *Ethnologie française* n.4, vol. 40: 581-587.
- CORDEIRO, Alex S. L. 2015. *Pessoas em movimento: considerações sobre moradores de rua em São Luís (Maranhão)*. São Luís: Monografia de Graduação em Ciências Sociais, UFMA.
- \_\_\_\_\_. 2018. *Fazer família e cidade na habitação da rua: Brasília em suas múltiplas habitabilidades*. Brasília: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UnB.
- FLEURY, Marie-Françoise. 2000. “Aborder l’Amazonie”. *L’information géographique*, vol. 64, n.2: 155-163.
- GUEDES, André D. 2015. “Andança, agitação, luta, autonomia, evolução: sentidos do movimento e da mobilidade”. *Ruris I*. 9(1): 111-141.
- \_\_\_\_\_. 2011. *O Trecho, As Mães e Os Papéis*. Movimentos e Durações no Norte de Goiás. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Antropologia Social, MN/UFRJ.
- MANCERON Vanessa; ROUÉ, Marie. 2013. “L’imaginaire écologique”. *Terrain*, n.60: 4-19
- MAGNANI, José Guilherme C. 1999. *Mystica urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na cidade*. São Paulo: Studio Nobel.
- \_\_\_\_\_. 2000. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: J. G. Magnani e L. Torres (org.), *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP, FAPESP: 12-53.
- MAUSS, Marcel. 2003. “Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós”. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify: 423-503.
- SILVA, Juliana Oliveira. 2015. *Entre swings, bolinhas e pernas de pau: circulação e trocas entre malabaristas de rua*. São Luís: Monografia de Bacharelado em Ciências Sociais, UFMA.
- \_\_\_\_\_. 2017. “Ser estar e fazer: notas sobre circo de rua na Amazônia”. *Revista PROA – Antropologia e Arte*. n.7. vol. 2: 25-46.
- \_\_\_\_\_. 2018. *Circo de rua na Amazônia: entre corpos, casas e estradas*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, MN/UFRJ.
-

- SILVA, Vagner G. 2000. “As esquinas sagradas: o candomblé e o uso religioso da cidade”. In: J. G. Magnani e L. Torres (org.), *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP, FAPESP: 88-123.
- SIMMEL, Georg. 2005. “As grandes cidades e a vida do espírito”. *Mana*, vol. 11(2): 577-591.
- SOUZA, Cleide; CAÑETE, Voyner. 2016. “Cidade e natureza: uma especificidade no modo de vida amazônica”. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 17, n. 41, jan/jun: 233-255.
- PARK, Robert Ezra. 1979. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores: 26-67.
- PRUVOST, Geneviève. 2013. “L’alternative écologique. Vivre et travailler autrement”. *Terrain*, n. 60: 36-55.
- TRINDADE JR., Saint-Clair. C. 2013. “Das ‘cidades na floresta’ às ‘cidades da floresta’: espaço, ambiente e urbanodiversidade na Amazônia brasileira”. *Papers do Núcleo de altos estudos amazônicos/NAEA*. nº 321. dez.

## NOTAS

1. Mesmo diante da heterogeneidade do universo neo-esotérico nas proporções de uma cidade como São Paulo, aos olhares atentos é possível perceber regularidades. Magnani (1999:68) realizou um mapeamento das práticas desse estilo de vida. A partir da identificação de “um conjunto de estabelecimentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de algum serviço”, o autor percebeu a existência de um “circuito neo-esô”. Não contíguo na paisagem urbana, mas reconhecido em sua totalidade pelos seus usuários. A ideia de “circuito”, embora neste caso favoreça uma sociabilidade mais independente do espaço – o que ocorre de modo diferente no universo viajante –, me inspira a pensar em termos de um circuito de cidades principal em relação a um circuito de cidades alternativo, ou ainda derivado, acionado por malabaristas, conforme discuto adiante.
2. Em abril de 2009 Tom Phillips, um correspondente do *The Guardian*, viajou para a localidade e escreveu a reportagem *Top 10 beaches in Brazil*. Nela, Alter do Chão, listada em primeiro lugar, aparece como uma região de praias de água doce, um “paraíso no coração da Amazônia”. Jornais de circulação nacional, após essa matéria, também passaram a veicular a imagem de Alter do Chão como um lugar de praias. Moradores/as da vila contam que, após essas matérias, perceberam um crescimento significativo do número de turistas e viajantes de passagem por ali e, por conseguinte, a intensificação do turismo local. Sete anos depois outra matéria foi publicada no mesmo jornal, desta vez por Isobel Diamond. Intitulada *Rainforest wonder and remote villages in northern Brazil*, narra uma experiência de viagem da jornalista pela Amazônia, com início em Alter do Chão. A jornalista destacou a grande movimentação da vila, o aumento do número de estrangeiros que passaram a morar lá, a abertura de estabelecimentos, e a beleza das praias. Mencionou também as discussões em torno dos projetos de construção de hidrelétricas que, se executados, promoveriam o desmatamento da localidade. Enfatizou ainda os protestos locais, a riqueza da fauna, da flora e a presença indígena. Fontes: <https://www.theguardian.com/travel/2009/apr/15/beach-brazil-top-10>; <http://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2016/08/alter-do-chao-volta-ser-destaque-no-jornal-ingles-guardian.html>.; <https://www.theguardian.com/travel/2016/aug/27/amazon-boat-trip-rainforest-brazil>; <http://g1.globo.com/jornal-hoje/videos/t/dicoes/v/to-de-folga-mostra-as-belezas-de-alter-do-chao-pa/5442678/>. Acessos: 27 nov. 2017.

3. Em 2012 houve encontros envolvendo moradores para construir, discutir e aprovar um plano de uso da Área de proteção ambiental (APA) Alter do Chão. A preocupação dos debates girava em torno do crescimento de Santarém e suas consequências, como a especulação imobiliária, o asfaltamento da BR-163 e os projetos governamentais para instalação de usinas hidrelétricas no rio Tapajós.

O artigo 3º da Lei Municipal nº 17.771/2003 previa os objetivos da APA Alter do Chão. A partir das reuniões e oficinas comunitárias, construiu-se o plano de uso da APA em 2011 e 2012. Fontes: <http://envolverde.cartacapital.com.br/querem-aprovar-uma-lei-fora-da-lei-para-alter-do-chao/>; [http://sapl.santarem.pa.leg.br/sapl\\_documentos/norma\\_juridica/59\\_texto\\_integral](http://sapl.santarem.pa.leg.br/sapl_documentos/norma_juridica/59_texto_integral); <http://www.orm.com.br/noticias/para/MTM5Nzg=/Camara-de-Santarem-barra-predios-em-Alter-do-Chao>. Acessos: 07 jan. 2018.

4. As faixas etárias das/dos malabaristas com quem convivi em Alter do Chão variavam de 20 a 37 anos. Cinco mulheres e cinco homens, quatro negras/os e seis brancas/os, cujas nacionalidades eram: uma portuguesa, uma congoleza, um colombiano, uma panamenha, um venezuelano, dois argentinos e três brasileiros – Foz do Iguaçu (PR), São Paulo e Campinas (SP). A maioria falava português e espanhol. Todavia, verifiquei também conhecimentos de alemão, francês, inglês e nheengatu. De todas/os, apenas uma estava cursando graduação em antropologia, na Universidade Federal do Oeste do Pará, e outro possuía somente educação básica. Das/dos demais, quatro possuíam graduação completa, três haviam abandonado graduações e praticamente todas/os tinham ao menos o ensino médio concluído. Todas/os realizavam outras atividades além do circo, como fotografia, cerâmica, dança, capoeira, desenho, quadrinhos etc. Possuíam, ao longo de suas histórias de vida, envolvimento em coletivos, ONGs e partidos políticos. Das/dos dez malabaristas, cinco possuíam filhas/os pequenas/os, cujas idades variavam entre seis meses a treze anos. Todas/os antes de entrarem no universo circense, já haviam ingressado em empregos formais ou informais, ocupando funções e cargos variados. Enquanto estive em campo cinco pessoas possuíam fontes de renda complementares ao circo. Quanto às atividades circenses, a maioria havia aprendido a partir da troca e da convivência com amigas/os.

5. Entre moradores no Norte de Goiás, o “trecho” é o lugar onde o “mundo” (em oposição complementar a casa) é experimentado em toda a sua incerteza e instabilidade. Perigoso e traiçoeiro, mas ao mesmo tempo, fascinante e proporcionador de possibilidades (Guedes 2011:229). A mobilidade, nesse cenário de pessoas que tiveram suas vidas reconfiguradas pela construção de usinas hidrelétricas e barragens, aparece ligada à luta, a autonomia e à evolução. Trata-se de pessoas que se reconhecem como estando em uma situação comum: sem a possibilidade de garimpar ou andar atrás de outras condições de vida. Então, o caminhar vincula-se a um tipo de sofrimento que pode levar à reparação e conquista (Guedes 2015).

As/os malabaristas compartilham a ideia de que a vida no mundo, na estrada é de outra ordem e que, por isso mesmo, estimula outros modos de fazer as coisas, tornando-se uma etapa necessária do *abrir a mente*. No entanto, entre elas/es, a estrada aparece menos sob a forma do perigo, da instabilidade e mais como um universo de possibilidades que, antes de qualquer coisa, foi escolhido por vontade própria: os motivos que levam essas pessoas a caminhar são diferentes. *Escolha* intencional e refletida que, conforme mostram seus perfis, não ocorreu por falta de condições de emprego ou moradia, mas à procura do viver melhor em busca de *autonomia*. Malgrado as intempéries da circulação, esse tipo de mobilidade é fruto de escolhas, rupturas e ressignificações, onde a estrada tem a conotação de etapa necessária, mundo à parte que abre portas, como o aprendizado de atividades diversas e a formação de laços consanguíneos ou de consideração.

6. Nesta seção, utilizo alguns materiais etnográficos coletados na pesquisa de campo realizada em São Luís, entre 2013 e 2015, na medida em que iluminam o motivo de Alter do Chão pertencer ao circuito de locais visitados por malabaristas.

7. Para se referir à manipulação (*fazer truques*) de objetos circenses (*brinquedos*), as/os malabaristas utilizam os verbos *jogar* e *brincar*, alusão ao caráter lúdico do circo, mas também *treinar*. *Jogar* e *brincar*, na maioria das situações, é também *treinar*, aperfeiçoar-se enquanto malabarista e divertir-se a partir disso.

8. Inaugurada em 1985, com 892 km de extensão, essa estrada liga a mina de ferro em Carajás (PA) ao Porto da Ponta da Madeira em São Luís (MA). O trem de passageiros que a percorre pertence à Companhia Vale do Rio Doce, que possui outra estrada de ferro no trecho de Vitória (ES) a Belo Horizonte (MG). Muitas/os viajantes pegam o trem de São Luís para Parauapebas ou Marabá (PA), vice-versa, e a partir daí deslocam-se de caronas ou barco, constituindo uma das formas de deslocamento possíveis dentro do circuito mapeado.

9. Além dos fatores que discuto aqui, o consumo ritual de ayahuasca é um dos elementos que atrai viajantes para a vila, inserindo-a no circuito de locais visitados.

10. A noção de “luta” adquire conotações múltiplas de acordo com os contextos etnográficos. Entre os trabalhadores rurais de Santa Maria da Vitória e Coribe, oeste da Bahia, o uso da palavra *luta* é mobilizado para se referir às dificuldades cotidianas, principalmente, relacionadas ao trabalho (Comerford 1999). No caso das/dos malabaristas, da casa à rua, da rua a Alter do Chão, *luta* adquire diversos sentidos: lutar para propagar arte, lutar para trabalhar, lutar contra o sistema, lutar para ser reconhecida/o como malabarista ou morador/a da vila, lutar contra os estereótipos, mas também lutar pela Amazônia (Silva 2018:75-118).

11. As/os malabaristas referem-se a *sistema* como tudo aquilo contra o qual se posicionam. Sistema, nesse universo, pode ter a conotação econômica, mas também ideológica, institucional etc. Eu, por exemplo, sou uma pessoa que, na concepção delas/es, está *dentro do sistema* por vários motivos, como o vínculo com a universidade. Em muitos casos, elas/es não se consideram pessoas *fora do sistema*, mas *à margem*. Não escapam do sistema, mas lutam para isso. O sistema é uma entidade contra a qual respondem em vários aspectos da vida. Boicotá-lo de diversas maneiras é um objetivo constante.

12. A ideia de *morar na Amazônia* vincula-se à valorização de uma ancestralidade. Tal busca, no caso amazônico, aparece fortemente ligada à presença e aos saberes indígenas. Outro aspecto interessante quando pensamos no caso de pessoas (não nascidas) que vão morar na Amazônia, no caso do estado do Pará, é um apelo constante ao universo do carimbó, ritmo musical tradicional da região. Observa-se o engajamento de diversos viajantes nos grupos de carimbó, tocando e cantando, ou no aprendizado da dança. Essas diversas manifestações culturais são parte do cotidiano dos residentes na vila de modo geral (Silva 2018).

13. O tempo é um dos elementos principais quando pensamos as distinções entre fazer circo dentro e fora dos semáforos. Diferente do circo de lona, onde o público vai com o objetivo de ver um espetáculo circense, as praças e os semáforos exigem da/do malabarista a construção de uma plateia: atrair e manter a atenção das pessoas. Apresentar-se nesses ambientes exige uma *rotina* prévia e curta, que considere a estrutura física do semáforo enquanto um local de passagem.

---

## RESUMOS

Pessoas que voluntariamente escolhem romper com vínculos formais de trabalho e residência, passam a viver através do circo de rua. Circulam por cidades diversas, encontrando-se e compartilhando informações sobre como chegar a uma cidade, como se manter e como sair dela. Dentro disso, Santarém e Alter do Chão, oeste do Pará, aparecem como locais, respectivamente, para fazer dinheiro e viver. Todavia, a dinâmica local é influenciada pelas variações sazonais do rio Tapajós que delimita a alta e a baixa temporada. Este artigo reflete os ecos de uma face urbana da Amazônia na vida das/dos malabaristas a partir da dinâmica movimento-repouso, com ênfase (i) na formação de circuitos de cidades acionadas por elas/es; (ii) na construção imagética de Alter do Chão como um lugar para morar; (iii) na dialética circulação-fixação, expressa sob a forma das viagens de trabalho feitas a cidades amazônicas.

Some people decide to break up with formal ties of work and residence, start living thanks to street circus. They wander around various cities, meeting and sharing information about how to get to a city, how to stay and how to leave. Within this context, Santarém and Alter do Chão, in western Pará, appear as places for making money and living, respectively. Local dynamics are still influenced by seasonal variations of Tapajós river that marks both high and low seasons. This article shows the impacts of an urban face in Amazonia in the life of jugglers from the dynamics of movement-rest, emphasizing (i) the formation of city circuits driven by them; (ii) the building of the image of Alter do Chão as a place to live; (iii) the dialectics of movement-stay, expressed in the way of working trips to Amazonian cities.

## ÍNDICE

**Keywords:** circulation, amazônia, seasonality, river tapajós, street circus

**Palavras-chave:** circulação, amazônia, sazonalidade, rio tapajós, circo de rua

## AUTOR

**JULIANA OLIVEIRA SILVA**

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional,  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS-MN/UFRJ). E-mail: anailujoliveiras@gmail.com